



Atitude linguística em relação ao falar de LGBTQIA+ na Paraíba

André Luiz Souza-Silva

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3560-9129>

E-mail: andreluiz.bans@gmail.com

RESUMO

As atitudes linguísticas dizem respeito às manifestações da atitude social dos/as falantes no que diz respeito, especificamente, à língua(gem) e ao uso que se faz dela em sociedade. Na direção dessas ideias, o presente artigo analisa atitudes linguísticas de sujeitos LGBTQIA+ e não LGBTQIA+ em relação ao falar de pessoas de identidades sexuais e de gênero dissidentes. Para tanto, mobilizo conhecimentos sobre atitude e identidade linguísticas aplicadas ao gênero e à sexualidade. Este estudo é, predominantemente, qualitativo, realizado a partir de questionário, o qual possibilitou a geração de dados junto a vinte participantes divididos em dois grupos: dez LGBTQIA+ e dez não LGBTQIA+. Nesse trajeto metodológico, há dados em que a maioria dos/as falantes LGBTQIA+ apresentam atitudes no nível mais comportamental do que afetivo, no que tange ao uso da língua(gem) desse grupo social em questão. No geral, há atitudes amistosas. Por fim, o grupo não LGBTQIA+ apresenta disposições tolerantes, mas a maioria se distanciou de avaliações mais desenvolvidas, restringindo-se a avaliar como normal/natural, sem maiores considerações sobre aspectos da fala.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas; Análise qualitativa; Comunidade LGBTQIA+.

Linguistic attitude towards LGBTQIA+ speaking in Paraíba

ABSTRACT

Linguistic attitudes relate to the manifestations of the social attitudes of speakers regarding language and its use in society, specifically concerning LGBTQIA+ individuals. In line with these ideas, this paper analyzes linguistic attitudes of LGBTQIA+ individuals and non-LGBTQIA+ individuals regarding the speech of people with dissident sexual and gender identities. To do so, I draw on knowledge of linguistic attitude and identity applied to gender and sexuality. This study is predominantly qualitative and conducted through a questionnaire, which allowed the generation of data from twenty participants divided into two groups: ten LGBTQIA+ and ten non-LGBTQIA+. In this methodological journey, there is data where the majority of LGBTQIA+ speakers show attitudes more at the behavioral level than the affective level regarding the use of language by this social group in question. In general, there are friendly attitudes. Finally, the non-LGBTQIA+ group exhibits tolerant dispositions, but most of them refrain from more in-depth evaluations, limiting themselves to considering it as normal/natural without further consideration of speech aspects.

KEYWORDS: Linguistic attitudes; Qualitative analysis; LGBTQIA+ community.



1. Introdução

Este artigo analisa atitudes linguísticas de falantes LGBTQIA+ e não LGBTQIA+ em relação ao falar de pessoas de identidades sexuais e de gênero fora da cis-heteronormatividade. Esse objetivo se justifica pelo fortalecimento e pelo desenvolvimento dos estudos de atitudes linguísticas e seu foco em um grupo mais restrito, uma vez que identifico escassez de investigações que privilegiem a participação de pessoas LGBTQIA+ em pesquisas sociolinguísticas, o que contribui socialmente, pois a LGBTfobia é uma realidade nacional (cf. BENEVIDES, 2023), e seu combate também se faz pela compreensão de aspectos da linguagem, uma vez que a linguagem é aquilo que o sujeito tem de mais íntimo e o que representa sua subjetividade. Além disso, enfrentamos a problemática da inserção social, da garantia de cidadania, da violação de direitos e de acesso às políticas públicas por parte de pessoas LGBTQIA+ que, por vezes, estão em situação de vulnerabilidade. Assim, tem relevância para a prática pedagógica, uma vez que as reflexões dos/as docentes também recaem sobre estigmas sociolinguísticos e devem ser objeto de análise linguística; também há uma motivação pessoal, tendo em vista o meu compromisso no combate a qualquer discriminação, por considerar minha realidade, história e experiências de vida.

Dessa feita, este artigo é um recorte da minha investigação de mestrado (cf. SOUZA-SILVA, 2022) que se fez por meio de uma abordagem sociolinguística, considerando o fator *heterogeneidade* como questão crucial, uma vez que Labov (2008) estabelece a heterogeneidade não só como um fato comum, mas também natural entre os fatores linguísticos fundamentais. Essa heterogeneidade é investigada no contexto da comunidade LGBTQIA+, adotando uma abordagem mais vertical com os estudos da Atitude Linguística. Para tanto, adoto uma metodologia qualitativa de olhar fenomenológico, a partir de estudo atitudinal, o qual se espelha em abordagens da Psicologia Social, realizando a exposição dos/as participantes à fala de LGBTQIA+, categorizados/as em diferentes identidades sexuais e de gênero. A partir dessa exposição, aplico um questionário, para considerações da avaliação sociolinguística entre o grupo LGBTQIA+, composto por dez participantes, e outros dez, compondo o grupo não LGBTQIA+.

2. Fundamentação teórica

No desenvolvimento das atitudes linguísticas, “o falante emite um julgamento sobre as variedades linguísticas e associa a elas diferentes valores, hierarquizando-as [...]” (CARDOSO, 2015, p. 09). Assim, falantes podem ter atitudes normativas e puristas ou tolerantes. Tais atitudes são face de um julgamento social, mesmo que forjadas em argumentos estéticos. Isso posto, os fatores sociais e de registro são relevantes, uma vez que considero o seguinte: para o primeiro, há o desejo ou interesse em manipular características linguísticas que possam demarcar e distinguir em meio a outros grupos e/ou comunidades; para o segundo, há os níveis de formalidade que configuram a interação verbal entre os/as interlocutores/as, indo da formalidade à informalidade numa escala que poderá se reconfigurar sempre que necessário (CARDOSO, 2015).

Junto a isso, é possível refletir sobre lealdade, estigma e prestígio linguístico, questões que se incorporam no inconsciente dos/as falantes e os/as leva a uma ideologia linguística, marcada

por ideais, por vezes, homogêneos, algo inexistente por força de heterogeneidade social. Na direção dessas questões, aponto o seguinte:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT e LAMBERT, 1972, p. 83).

Como indicam os autores, as atitudes são como modos de pensar, de sentir e de reagir em relação a pessoas e a acontecimentos em nosso meio social, os quais são organizados, coerentes e habituais, constituindo o que os autores chamam de “hábitos complexos” e que são aprendidos por ajustamento. De acordo com Lambert e Lambert (1972), a atitude tem uma estrutura tridimensional. Tal estrutura é composta por uma face cognitiva, por outra afetiva e uma última, que é a comportamental. Na dimensão cognitiva, subjazem pensamentos e crenças; conhecimentos sobre o que é verdadeiro/falso, desejável/indesejável; já na dimensão afetiva, há os sentimentos e as emoções – posição positiva ou negativa a respeito do artefato da crença; por fim, na dimensão comportamental, há o componente de conduta – predisposição de resposta que direciona a algum tipo de ação.

Assim, entendo que a primeira dimensão é a mais profunda na consciência do/a falante, mergulhada nas condições neurobiológicas, por meio das quais memoriza, percebe e discrimina um recurso linguístico, por exemplo. Inclusive, de acordo com Silva e Gomes (2020, p. 59), é neste nível que se encontram “[...] as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala”. O segundo nível é forjado no primeiro, no qual se atribuem valores a partir de emoções. Dito isso, imagine que uma variante marcada LGBTQIA+ possa ser proferida em uma interlocução, na qual a variante rememore ao/à ouvinte um evento desagradável, assim, o/a ouvinte atribuirá emoções à consciência linguística e, segundo esses autores, é nesse nível que os/as falantes fazem especulações valorativas, como “correto”, “feio”, “pobre”, “favelado”. Portanto, as dimensões primária e secundária se retroalimentam (SILVA e GOMES, 2020). Sobre a dimensão do comportamento, os autores explicam o seguinte:

É importante salientar que por comportamento linguístico, não podemos entender causalmente como materialização de um registro linguístico previamente em contato ou treinado. O comportamento nos estudos de abordagem direta é a materialização da fala, isto é, a produção em si. Porém, nos estudos de abordagem indireta, o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para a obtenção dos dados em atitudes (SILVA e GOMES, 2020, p. 59).

Os autores colocam em destaque as abordagens direta e indireta das atitudes. Tal questão é de natureza metodológica. A primeira, como o nome já sugere, refere-se a uma ação de coleta que tem por objetivo a obtenção de respostas diretamente dos informantes, seja sobre certas variantes ou sobre grupos de falantes, por exemplo; e a segunda, em contrapartida, busca mascarar seus reais objetivos por meio de estratégias sutis. Dessa forma, mesmo que os/as informantes saibam que estão na posição de juízes/as, não sabem exatamente o que estão julgando (KAUFMANN, 2011).

Valores, opinião e crença são constituintes das atitudes, mas, como alertam Morais e Lima (2019), não se deve confundir com as próprias atitudes. Afinal,

[...] as atitudes são caracterizadas como um processo, e não um produto. É neste ponto que as atitudes diferem do comportamento, normas morais, valores, crenças e opiniões. Apesar da especificidade de cada um deles, no que tange à convergência, eles representam um produto sócio-histórico e cultural, ao passo que, as atitudes, além do aspecto social, envolvem uma avaliação subjetiva e individual (MORAIS e LIMA, 2019, p. 51).

Nesse espaço entre as atitudes, as crenças, os valores e as opiniões há um denominador comum, pois são parte daquilo que os/as falantes fazem: julgam! Na esteira desse ato, “[...] as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder” (LOURO, 2019, p. 19). Portanto, as identidades são marcadas pelo fator político e, como tal, revelam-se pelos corpos imbuídos de linguagem, onde há diversas formas de sexualidade e gênero, isso de modo interseccional.

Em contexto de atitudes linguísticas de sujeitos LGBTQIA+, há a investigação realizada por Ribeiro (2020), que objetivou investigar a autopercepção de falantes homossexuais sobre a existência de possíveis identidades lésbicas e *gays*, bem como a percepção acerca da fala como marcador estilístico dessas identidades. Para o desenvolvimento da pesquisa, Ribeiro alinha as posições estilísticas da terceira onda da sociolinguística, adotando natureza qualitativa para sua investigação. A partir dos dados, a autora identificou que seus sujeitos de pesquisa têm a percepção de que há pluralidade em meio à diversidade de identidades sexuais, bem como a maioria apontou se sentir confortável para demonstrar sua(s) identidade(s) entre outros/as LGBTQIA+ ou a pessoas com as quais tenham bastante intimidade; também consideram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade(s). Por fim, todos/as concordaram com a existência de usos linguísticos característicos de lésbicas e de *gays*.

3. Metodologia

De início, é válido destacar que esta investigação foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFPB) sob protocolo 49561521.8.0000.5188 e considerada aprovada para desenvolvimento. Para este estudo, existe pluralidade diante da relação sujeito x mundo, não se resumindo à cientificidade. Por conseguinte, concordo com Gil (2008, p. 15), quando o autor afirma que “a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado”.

Faz-se pertinente a natureza qualitativa para investigações de método fenomenológico, uma vez que a abordagem qualitativa se faz no processo de reflexão e de análise da realidade, como aponta Oliveira (2016, p. 37), e acrescenta a necessidade de se utilizarem “[...] métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. E, ao considerar que me interesso pelos significados sociais que os sujeitos atribuem às variantes, às práticas linguísticas e aos/as falantes estigmatizados/as, em que a lin-

guagem tem papel centralizador, pauto-me em uma ação hermenêutica acerca das realidades contemporâneas, já que a interpretação das práticas sociais e das linguísticas se coaduna com os significados que os sujeitos atribuem a tais práticas. Por fim, a investigação é descritiva pela descrição dos fatos e/ou fenômenos que envolvem a investigação aqui proposta, para levantar as atitudes e as crenças de um grupo de sujeitos.

Na íntegra da pesquisa, contei com três etapas metodológicas com tarefas distribuídas nessas etapas e cada uma com um objetivo específico. A primeira etapa não oferta para esta pesquisa objeto específico de análise, pois antecede a construção do teste de percepção; sobre a seleção de possíveis informantes, explicarei e traçarei o perfil mais adiante. Sobre a coleta de falas de LGBTQIA+, optei, pensando no maior grau de espontaneidade (TARALLO, 1986), pela fala de pessoas LGBTQIA+ já conhecidas por mim, pensando no menor efeito do paradoxo do observador (LABOV, 2008).

QUADRO 1. Breve perfil dos colaboradores LGBTQIA+

Identidade de gênero e Orientação sexual	Idade	Localidade
Homem cisgênero gay ¹	40 anos	Solânea-PB
Homem cisgênero bissexual	30 anos	Solânea-PB
Mulher transgênero heterossexual	40 anos	Bananeiras-PB
Mulher cisgênero bissexual	23 anos	Solânea-PB
Mulher cisgênero lésbica	25 anos	Solânea-PB

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Ainda que não sejam estes os/as participantes, considero relevante apresentar um perfil que possa caracterizar, ainda que parcialmente, aqueles/as que colaboraram para a construção do teste atitudinal e que têm suas *performances* linguísticas e identitárias como material de avaliação pelos/as juizes/as, os/as quais, quando submetidos/as ao teste, possibilitam, conforme Tarallo (1986), embutir as variantes no meio social em que elas coexistem. As falas dos/as colaboradores/as foram coletadas entre 21 de abril e 5 de maio de 2021.

Uma ressalva deve ser feita: não estabeleci uma variante específica para que os/as participantes manifestassem suas impressões, assim como Veloso (2014) não o fez, ao realizar seu estudo em comunidade de prática lésbica, uma vez que meu interesse está não só nas variantes, mas na prática linguística, considerando estilo e identidade imbricados e imbuídos de significado social, sendo passíveis de avaliação.

Selecionei vinte sujeitos/as paraibanos/as – nascidos/as e/ou residentes, dos/as quais são dez falantes não LGBTQIA+, sendo cinco cis-hetero-femininas e cinco cis-hetero-masculinos, pois, a partir dos parâmetros de exclusão, foram os que restaram. Para tanto, todos/as concordaram com os procedimentos da investigação mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); já o grupo LGBTQIA+, mostrou-se mais complexo para a seleção de participantes, pois, apesar de partirmos de iguais parâmetros de exclusão, o grupo indicava um maior quan-

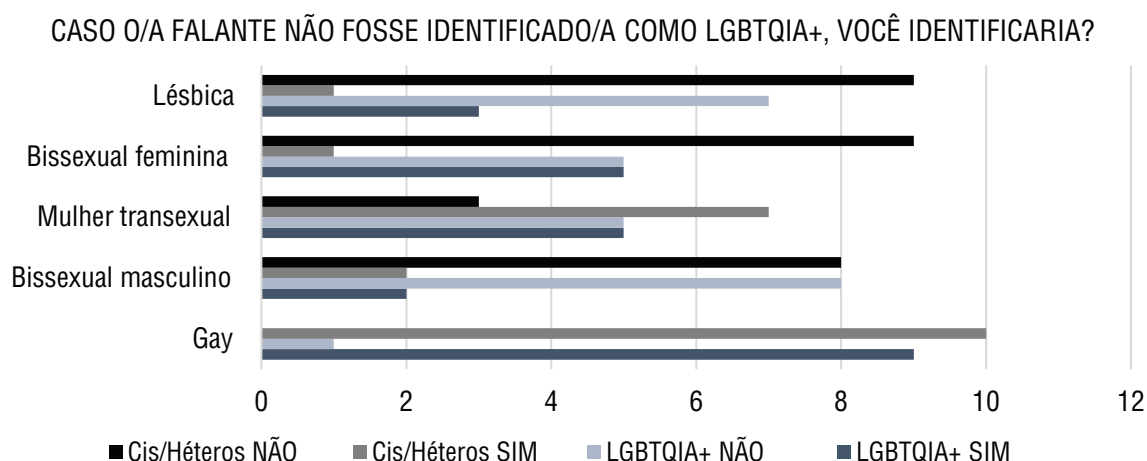
¹ Este colaborador realiza *performance* de *Drag Queen*.

titativo de informantes e com células divergentes. Então, diante de vinte e seis informantes, entrei em contato com os informantes para averiguar a disponibilidade, o que me possibilitou constituir o seguinte grupo de participantes: 1) resgardei a participação da única transexual, 2) de uma mulher lésbica, 3) de participante que indicou ser bissexual e assinalou a opção “outro” em identidade de gênero, 4) três mulheres bissexuais e 5) quatro homens homossexuais, buscando tornar esse grupo heterogêneo, na medida do possível, e que também concordou mediante TCLE. Para algumas tarefas da pesquisa, lancei mão do questionário, com intuito de identificar a atitude dos grupos participantes diante da fala de pessoas LGBTQIA+ e, para isso, orientei-me pelos questionários de Oushiro (2015) e de Cardoso (2015), mas verticalizado para o tema em específico, utilizando-me de parâmetros de teste de percepção.

4. Análise de dados

Apresento um perfil social e linguístico a partir da percepção dos dois grupos que compõem este estudo. Desse modo, esquematizo a percepção em gráficos e em tabelas que materializam os números e possibilitam compreender a percepção tanto de aspectos da fala quanto em relação aos/as falantes LGBTQIA+, com a finalidade de perceber itens positivos e negativos que possam circundar o imaginário do senso comum sobre pessoas LGBTQIA+, compreendendo que o modo como o/a falante julga aqueles/as que falam de determinada forma é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto. Posto isso, abaixo, o gráfico 1 expõe a identificação da sexualidade e/ou identidade de gênero dos/as falantes:

GRÁFICO 1. Identificação da sexualidade/gênero de falantes LGBTQIA+



Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

A partir do gráfico, a falante lésbica seria identificada como tal por sujeitos/as que integram os dois grupos (40%). Entretanto, 90% do grupo não LGBTQIA+ diz que não identificaria como mulher lésbica. Logo, sua maneira de falar não é associada a marcadores de uma fala lésbica, bem como 70% daqueles/as que compõem o grupo LGBTQIA+. Tal percepção aproxima-se da

falante bissexual feminina, assim, a fala da mulher bissexual, também, pode não apresentar marcadores específicos para os ouvintes de modo mais geral. Logo, a percepção dos que assinalaram “sim” pode se fazer para além de marcadores linguísticos, considerando que o conteúdo daquilo que ouviram possa ser considerado no momento da avaliação.

Os falantes cis-masculinos – *gay* e bissexual – já apresentam uma diferença considerável, uma vez que 80% do grupo não LGBTQIA+ dizem que não identificariam o bissexual masculino como tal, mas 100% desse mesmo grupo aponta que identificariam como homem *gay* o falante homossexual. Acredito que isso se dá pela própria acústica da fala desses falantes, bem como pelo comportamento linguístico, de um modo geral. Enquanto pesquisador, identifico na fala do homem *gay* – bem como seus trejeitos – estereótipos de uma fala *gay* (léxico de grupo, gargalhada estridente, etc), parecendo-me mais perceptível como a fala de um homem *gay*. Já o falante bissexual, em oposição ao *gay*, apresenta comportamento pouco estereotipado. Assim, esse homem bissexual tem a sua sexualidade menos marcada na maneira de falar do que o *gay*.

Por fim, a mulher transexual tem sua identificação mais heterogênea frente à percepção dos grupos: 50% dos LGBTQIA+ “não” junto a 30% dos não LGBTQIA+. Na direção oposta, 70% desse grupo aponta que identificaria a falante como mulher transexual. Isso posto, a percepção da sexualidade e do gênero via fala pode ser ou não viabilizada por estereótipos e marcadores que favorecem a identificação. Para além disso, é válido ressaltar que a percepção não se fundamenta apenas em uma etapa cognitiva, mas também afetiva, considerando que a percepção é emaranhada por diferentes características.

TABELA 1. Percepção da fala de pessoas LGBTQIA+, considerando o fator origem no eixo mais litorâneo e mais sertanejo

Falantes	LGBTQIA+		Não LGBTQIA+	
	+ litorâneo	+ sertanejo	+ litorâneo	+ sertanejo
Homossexual masculino	70%	30%	50%	50%
Bissexual masculino	80%	20%	60%	40%
Mulher transexual	60%	40%	20%	80%
Bissexual feminina	70%	30%	60%	40%
Homossexual feminina	70%	30%	70%	30%

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Na tabela 1, há a distribuição dos dois grupos em duas categorias: “+ litorâneo” e “+ sertanejo”. Solicitei dos/as participantes que associassem a fala dos/as colaboradores/as a uma origem, tendo como opções “mais ao litoral” ou “mais ao sertão”, considerando que o litoral e o sertão são espaços constituídos de elementos divergentes e que são avaliados como mais ou menos significativos a depender de quem os avalia. Entretanto, o estigma do sertanejo é uma realidade. Logo, a associação do falar do LGBTQIA+ – em maior ou menor medida – quando percebido como mais sertanejo, resguarda uma impressão mais negativa do que positiva.

Afinal, acrescento a isso o fato de os/as falantes avaliados serem residentes mais ao litoral, ou 75% dos/as participantes. Desse modo, a percepção do falar não se restringe ao *designer*

da fala, mas engloba a avaliação do que se diz. Então, na tabela 1, identifico – ainda que com pouca diferença – uma avaliação mais positiva por parte dos LGBTQIA+. Algo oportuno de reflexão é a avaliação que os grupos fazem da mulher transexual, uma vez que 80% do grupo não LGBTQIA+ associam o falar dessa mulher como “mais sertanejo”, diferentemente do grupo LGBTQIA+, em que 60% avaliam como “mais litorâneo”. Essa mulher transexual é uma bananeirense que viveu da prostituição e já residiu na grande São Paulo e na Itália, tendo histórico de temporada nessas localidades, especialmente na primeira. Como sabido, a mudança de localidade exerce mudanças consideráveis no modo de falar, assim é possível que o modo de falar da transexual tenha sido mais associado por cis/héteros ao espaço sertanejo, por força de estigmas que penetram o nível cognitivo, também estando permeada pela afetividade na atitude.

Além do fator origem, solicitei uma apreciação via “*status econômico*”, considerando a renda de salário-mínimo como parâmetro. Para tal, obtive os seguintes dados:

TABELA 2. Percepção da fala de pessoas LGBTQIA+, considerando o fator *status econômico* a partir da renda de salário mínimo

Falantes	LGBTQIA+			Não LGBTQIA+		
	+	=	-	+	=	-
Homossexual masculino	7	3	-	9	1	-
Bissexual masculino	8	1	1	6	1	-
Mulher transexual	6	4	-	2	7	1
Bissexual feminina	7	2	1	7	2	1
Homossexual feminina	6	3	1	8	1	1

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Na tabela 2, há a distribuição nas categorias: “+”, referente a maior que um salário- mínimo; “=”, quando igual a um salário-mínimo; e “-”, referente a menor que um salário- mínimo. A partir disso, identifico que o grupo não LGBTQIA+ atribui a categoria mais positiva, acima de 50%, para todos/as os/as colaboradores/as, exceto para a mulher transexual, indo ao encontro da avaliação mais estigmatizada, referente à origem ser “mais sertaneja”. Assim, apenas 20% desse grupo consideram que a mulher transexual receba acima de um salário- mínimo, o que pode resultar da avaliação da própria narrativa ouvida pelos/as participantes, haja vista o histórico de prostituição da colaboradora. Entretanto, ela não indica qual sua profissão exercida atualmente, tampouco diz estar desempregada.

Na contramão dessa avaliação, o grupo LGBTQIA+ favorece a avaliação mais positiva – 60% dizem ter uma renda maior que um salário-mínimo – e todos/as desconsideram que seja menor que um salário-mínimo. Desse modo, parece-me que a percepção desses fatores possui um viés classista, considerando que a percepção da identidade de gênero transexual favoreça o estigma entre cis/héteros e potencialize a avaliação positiva por parte de LGBTQIA+ em um símbolo de enfrentamento social.

Logo, é possível que o grupo LGBTQIA+, ainda que amparado por uma percepção estigmatizada, opte por se opor à percepção comum com a finalidade de reconfigurar a avaliação da

pessoa transexual, especialmente a mulher, a qual está, muitas das vezes, marcada pela prostituição e socialmente marginalizada, revelando um maior engajamento por parte de sujeitos que compõem a comunidade e se reconhecem como parte dela.

TABELA 3. Percepção da fala de pessoas LGBTQIA+, considerando o fator escolaridade da educação básica ao nível superior

Falantes	LGBTQIA+				Não LGBTQIA+			
	E.F	E.M	E.S	P.G	E.F	E.M	E.S	P.G
Homossexual masculino	1	3	6	-	-	2	6	4
Bissexual masculino	-	-	10	-	-	3	7	3
Mulher transexual	1	5	3	1	1	6	3	-
Bissexual feminina	-	3	7	-	-	2	8	-
Homossexual feminina	1	1	7	1	-	4	6	-

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Na tabela 3, há a distribuição perceptiva a partir do grau de escolarização, considerando “ensino fundamental” (E.F), “ensino médio” (E.M), “ensino superior” (E.S) e “pós-graduação” (P.G). Nesse quesito, os grupos não se diferenciam tanto, a não ser pela atribuição de pós-graduação ser mais recorrente para os homens – *gay* e bissexual –, por parte do grupo não LGBTQIA+, e 10% do grupo LGBTQIA+ atribuírem tal escolaridade para a mulher transexual.

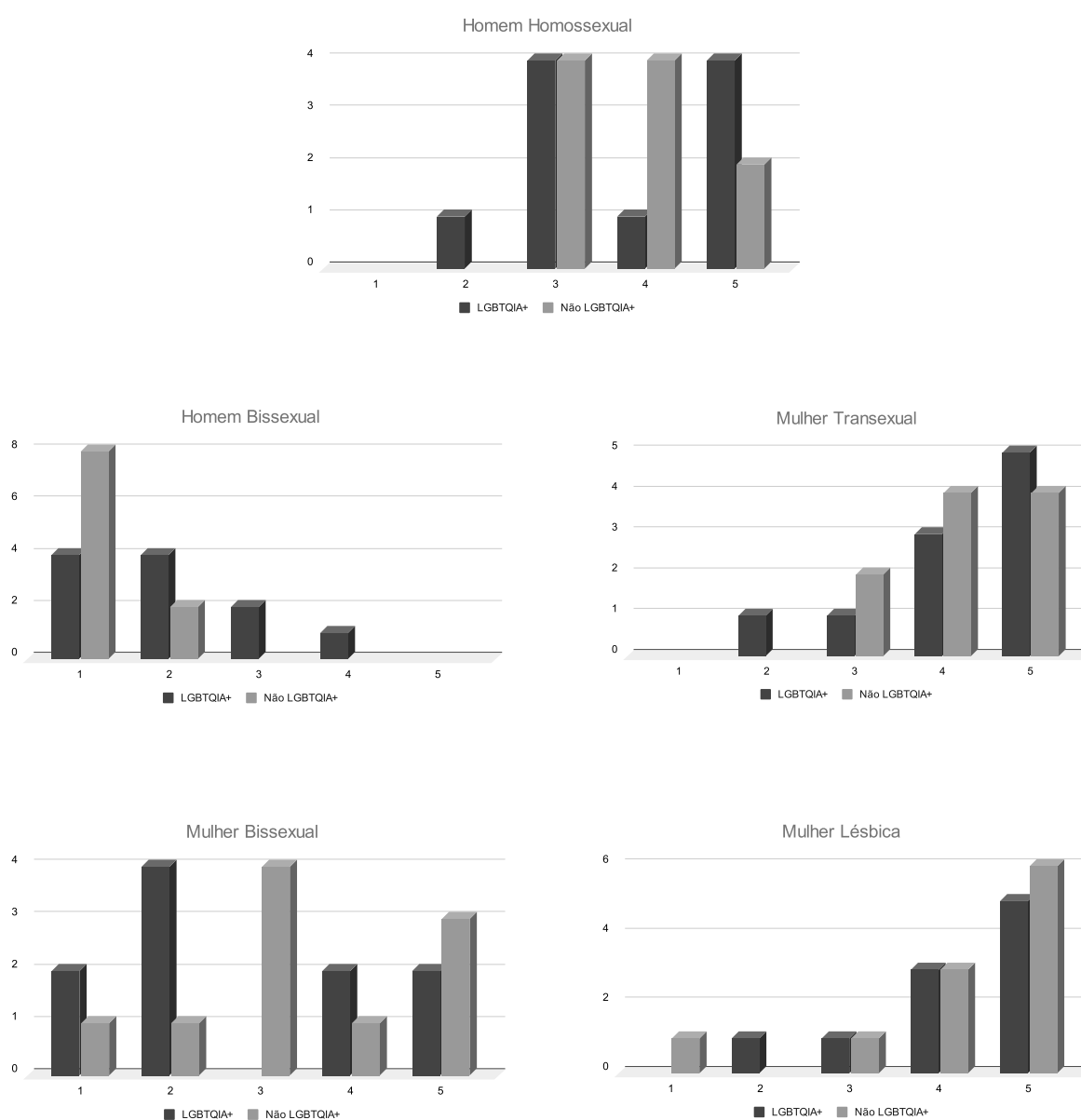
Acredito que a percepção desse fator deva ser baseada diretamente na maneira como os/as colaboradores/as argumentam e articulam as ideias, mediante as narrativas contadas. Logo, mais uma vez evidencio que a avaliação dos fatores não se baseia não só no modo de dizer, mas naquilo que é dito, uma vez que alguns/algumas participantes, durante a coleta, disseram ter dificuldade em avaliar alguns fatores apenas pelos relatos, o que significa que os/as participantes se atentam ao conteúdo que é proferido no instante da avaliação.

Um outro fator que solicitei foi a ocupação exercida pelos/as colaboradores/as, considerando que o fator escolaridade possa estar associado à profissionalização. Desse modo, deixei a opção em aberto para que os/as participantes tivessem liberdade para opinar como achassem melhor; inclusive, alguns disseram que não saberiam como opinar, pois, segundo estes, a narrativa não seria suficiente para a atribuição dessa característica. A partir das respostas, diferentes profissões e áreas são atribuídas: educação, beleza, comunicação etc. Nesse sentido, uma questão interessante é a atribuição de ocupações que parecem ser uma “zona neutra” – empreendedores, empresários e comerciantes são agentes que podem exercer função em diferentes nichos de atuação profissional, bem como o termo “estudante”, sem especificidade, que funciona como item de distanciamento avaliativo, permitindo aos/às participantes um livramento da face, considerando que tal posição lhes permite não se comprometer, especialmente em uma leitura negativa.

Outra maneira de avaliar a percepção é mediante o método de pares de adjetivos. Assim apresentei para os/as participantes uma sequência de adjetivos com a finalidade de avaliarem a personalidade dos/as falantes, mas que não apresentam diferenças significativas de modo geral, demonstrando uma percepção mais unilateral no que diz respeito a um perfil positivo em rela-

ção aos sujeitos LGBTQIA+ do estudo. Além disso, é válido ressaltar que os/as participantes não atuam em pesquisas livres de toda e qualquer avaliação, inclusive de si. Logo, há possibilidade de que evitem características mais negativas com a finalidade de evitar julgamentos, ainda que estejam respaldados pelo anonimato. Com a análise, identifiquei que os grupos não apresentam diferenças significativas de modo geral, demonstrando uma percepção mais unilateral no que diz respeito a um perfil positivo em relação a falantes LGBTQIA+ do estudo, especialmente no que se refere a serem descolados, trabalhadores, inteligentes, elegantes, confiáveis e progressistas. Junto a isso, também solicitei que os grupos participantes avaliassem alguns fatores em uma escala 1-5, considerando que, quanto mais crescente, maior a força da característica. Para tanto, consideramos o item: feminino. E, para tal, exponho um conjunto de gráficos:

FIGURA 1. Conjunto de gráficos da percepção dos grupos em relação ao aspecto da feminilidade



Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Observe, no conjunto de gráficos que representam a percepção geral da característica ‘feminino’, em que o grupo LGBTQIA+ tem 40% dos/as participantes avaliando o item na categoria máxima, tendo apenas 10% do grupo não LGBTQIA+ avaliando como “muito feminino” em relação ao homossexual masculino em quem os grupos indicaram maior feminilidade. Para o colaborador bissexual, as escalas de pouco feminino foram as mais assinaladas, tendo 80% do grupo não LGBTQIA+ indicado o nível 1 na escala; o grupo LGBTQIA+ distribuindo-se entre 1-3 na mesma escala.

Posto isso, é válido comentar sobre a relação do “feminino” com a percepção da sexualidade, uma vez que é comum que o “falar *gay*” seja, muitas das vezes, visto como “falar como uma mulher”. Ao ouvir a fala de um colaborador *gay*, percebi marcadores de uma “fala *gay*” – como alongamento de vogais tônicas e a dinâmica do *pitch*, questões não discutidas e não analisadas neste artigo. Demonstram, entretanto, outras pesquisas tais características, logo, socialmente, é um falar associado ao feminino, característica fortemente atrelada à figura da mulher.

Já o bissexual masculino, em nossa sociedade, bem como a mulher bissexual, é colocado no campo da indecisão sexual, pois ainda analisamos, selecionamos, identificamos e categorizamos numa lógica binária, sendo “estranho” que alguém transite com sua sexualidade num movimento de ir e vir que não pode ser padronizado. Dito isso, é possível que o bissexual masculino seja mais avaliado como “homem” do que o homossexual masculino, uma vez que foi avaliado como pouco feminino por grande parte do grupo não LGBTQIA+ e não passou do nível 3 na percepção do grupo LGBTQIA+.

Ademais, é importante conscientizar as pessoas sobre a existência de masculinidades construindo novas referências do que é ser homem, inclusive numa percepção linguística, compreendendo que a masculinidade não se resume ao sexo biológico, tampouco é refém da cisgeneridade concebida ocidentalmente. Portanto, é preciso defender a heterogeneidade de papéis sociais que se correlacionam ao sexo do indivíduo.

Como visto, o “feminino”, em relação à mulher transexual, tende a uma percepção de “muito feminino” por 50% do grupo da diversidade e 40% do grupo não LGBTQIA+, sendo relevante mencionar como as mulheridades podem ser inúmeras, e a figura da travesti, especificamente, está no campo do feminino – tendo preferência por pronomes, artigos e marcadores linguísticos femininos –, devendo ser reconhecida como uma identidade de gênero de agir feminino, mas também compreendendo que a travestigeneridade é uma espécie de terceiro gênero.

Sobre a mulher bissexual, o grupo LGBTQIA+ tem uma percepção “pouco feminina” (60%) e o grupo não LGBTQIA+ realiza avaliação mais elevada desse item. Parece-me que LGBTQIA+ – sabendo que estavam ouvindo relatos de pessoas LGBTQIA+ – refinam a percepção da feminilidade, para além das noções comuns de prosódia, por exemplo. Nesse sentido, acredito na relevância de pesquisas que se desdobrem na análise e na percepção da fala de homens e de mulheres bissexuais de diferentes masculinidades e feminilidades.

Por último, há percepção acerca da mulher lésbica, a qual não foge e demonstra alguma homogeneidade perceptiva entre os grupos, sugerindo que as características elencadas não sofrem tanta influência dos fatores gênero e sexualidade. Entretanto, o item “feminino”, indicado por 60% do grupo não LGBTQIA+ e 50% por parte dos/as LGBTQIA+ em nível 5 em relação à mu-



lher lésbica, demonstra reflexão pertinente por dois motivos: i) *lato sensu*, uma vez que é parte do estereótipo e arquétipo social da mulher lésbica a percepção da “caminhoneira” e “sapatão”, na intenção de atribuir deselegância e menor feminilidade à mulher lésbica. Assim, a posição dos grupos é interessante, pois ainda que soubessem que era uma mulher lésbica, não foi o estereótipo que guiou suas avaliações nesse quesito e ii) *stricto sensu*, quando se considera o próprio relato da colaboradora que não se considera feminina na perspectiva do que muitos consideram ser feminino, visão associada a roupas e a maquiagem.

Além da avaliação desse perfil, solicitei uma avaliação acerca da fala dos/as colaboradores/as. Para tanto, considerei algumas características que compõem a tabela 4 junto ao nível avaliativo entre 1-5, considerando os extremos “pouco” e “muito”, respectivamente. Pela tabela 4, a seguir, será possível observar a distribuição de características atribuídas ao modo de falar dos/as colaboradores/as por parte dos grupos participantes. Para tanto, a cor cinza, presente na tabela, mapeia as porcentagens mais elevadas em cada característica, facilitando a comparação entre os grupos. Essas avaliações são reações subjetivas, que são inerentes aos sujeitos sociais, seja como falantes, seja como ouvintes.

Na análise, de modo geral, os dois grupos destacam, em maior ou menor percentual, a presença de características estilísticas, dialetais e estéticas num sentido mais positivo. Entretanto, é válido ressaltar que o refinamento da metodologia poderá resultar em percepções mais apuradas, especialmente em relação ao falar das mulheres (cisgênero e transgênero), o qual foi avaliado no nível máximo da escala, pela maioria de cada grupo, apenas na característica da clareza. A tabela 4 destaca os números sobre os quais optei por me debruçar:

TABELA 4. Atitudes linguísticas a partir do estímulo oral de relatos de vida

Homem Gay										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	20%	10%	70%	0%	0%	20%	10%	70%
“Chiada”	30%	30%	30%	10%	0%	40%	40%	10%	0%	10%
“Cantada”	10%	20%	40%	20%	10%	20%	20%	40%	20%	0%
“Rápida”	0%	10%	60%	30%	0%	0%	0%	60%	30%	10%
“Expressiva”	0%	0%	0%	40%	60%	0%	10%	20%	10%	60%
“Clara”	0%	0%	0%	30%	70%	0%	0%	0%	50%	50%
Homem Bissexual										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	30%	30%	40%	0%	0%	10%	40%	50%
“Chiada”	50%	30%	10%	10%	0%	80%	20%	0%	0%	0%
“Cantada”	30%	30%	40%	0%	0%	40%	30%	20%	10%	0%
“Rápida”	10%	10%	60%	20%	0%	0%	20%	60%	20%	0%
“Expressiva”	10%	10%	40%	30%	10%	0%	10%	40%	20%	30%
“Clara”	0%	0%	0%	40%	60%	0%	0%	10%	40%	50%

(continua)

(continuação)

Mulher Transexual										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	10%	20%	40%	30%	0%	20%	20%	50%	10%
“Chiada”	50%	20%	20%	10%	0%	70%	0%	20%	0%	10%
“Cantada”	30%	0%	60%	10%	0%	20%	30%	30%	20%	0%
“Rápida”	10%	0%	60%	20%	10%	0%	20%	30%	50%	0%
“Expressiva”	0%	0%	10%	60%	30%	0%	0%	20%	50%	30%
“Clara”	0%	0%	10%	40%	50%	10%	20%	0%	30%	40%
Mulher Bissexual										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	60%	10%	30%	0%	0%	10%	50%	40%
“Chiada”	50%	30%	10%	10%	0%	70%	10%	10%	10%	0%
“Cantada”	40%	10%	50%	0%	0%	20%	50%	10%	20%	0%
“Rápida”	0%	20%	50%	20%	10%	0%	20%	40%	30%	10%
“Expressiva”	0%	20%	40%	30%	10%	0%	0%	20%	20%	60%
“Clara”	0%	0%	10%	20%	70%	0%	0%	30%	20%	50%
Mulher Lésbica										
Características	LGBTQIA+					Não LGBTQIA+				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
“Bonita”	0%	0%	20%	30%	50%	0%	0%	20%	30%	50%
“Chiada”	50%	20%	20%	0%	10%	50%	40%	10%	0%	0%
“Cantada”	30%	40%	20%	0%	10%	30%	30%	20%	10%	10%
“Rápida”	0%	30%	60%	0%	10%	10%	10%	30%	40%	10%
“Expressiva”	10%	10%	30%	40%	10%	0%	20%	20%	40%	20%
“Clara”	0%	0%	0%	40%	60%	0%	0%	30%	30%	40%

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

De início, há as atitudes niveladas para o homem *gay*, tendo os dois grupos uma percepção bastante aproximada e tendo como características de maior nível as seguintes: bonita, expressiva e clara. E o homem bissexual tem as características de seu modo de falar em maior nível nas categorias bonita e clara, por parte dos dois grupos. Posto isso, é relevante pensar como a performance de *drag queen* – prática desse homem *gay* – pode favorecer a expressividade de sua voz e a percepção dessa característica ser mais chancelada por aqueles que ouvem, como é o caso de 60% dos/as participantes de ambos os grupos.

No que se refere ao nivelamento avaliativo do modo de falar da mulher transexual, é interessante como em ambos os grupos o nível máximo (5) não é atribuído pela maioria frente às características elencadas, exceto pela clareza. Essa mesma característica também é de maior percentual na percepção dos dois grupos em relação ao modo de falar da mulher bissexual, mas também é tida como mais expressiva para o grupo não LGBTQIA+ do que para o grupo LGBTQIA+, assim, 60% daquele grupo indicam o item como muito característico do modo de

falar dessa mulher e apenas 10% desse grupo indicam o nível 5 na escala dessa característica. Por último, a mulher lésbica também tem como maior nível de avaliação a clareza, mas também tem seu modo de falar avaliado como bonito por 50% dos dois grupos.

Por fim, deixei em aberto uma questão de ordem subjetiva para identificar aproximações e distanciamentos entre os grupos: o que você achou do modo de falar dessas pessoas?

QUADRO 2. Comentários de LGBTQIA+ e não LGBTQIA+

LGBTQIA+	Não LGBTQIA+
(P1) Pra mim é normal, pois já convivo com pessoas LGBTQIA+. Então o uso das palavras e expressões, assim como vivências fazem parte do que já ouvi de amigos ou do que eu já passei.	(P1) Existe uma variação interessante. Principalmente no tom, na velocidade e nas palavras utilizadas. [...] Nenhum modo de falar chegou a ser muito estranho para mim, talvez pelo fato de muitos dos sotaques se assemelharem ao meu ou ao que estou habituado a ouvir.
(P2) O sotaque se destacou, mas cada um tem sua maneira própria. As gírias apareceram em alguns bem específicos, assim como certas entonações e ritmos da fala.	(P2) São falantes paraibanos, com níveis de escolaridade diferentes e que revelam algumas questões culturais e particulares pelos dialetos utilizados [...].
(P3) Tódes falaram de forma clara, eu particularmente gosto do sotaque paraibano, apesar de algumas falas mais puxada que outras [...].	(P3) Totalmente necessária e expressiva, ajudando a entender a realidade de ser LGBTQIA+ na sociedade brasileira.
(P4) Todos relatam suas histórias de forma clara! Todos falam de forma que quem escuta sente como se fossem amigos.	(P4) Gostei de todas as falas, cada uma com suas particularidades e vivências distintas.
(P5) Muito próximo do modo de falar das pessoas com quem eu convivo. Muito expressivos e claros.	(P5) Bem diversificada , devido à pluralidade de pessoas entrevistadas.
(P6) Achei normal, não me causou estranhamento, já que tenho vivência em círculo LGBT.	(P6) Normal, cada um com seu jeito particular de se expressar.
(P7) Expressivas, cada uma da sua maneira, porém bem seguras de si.	(P7) Normal, é a forma que as pessoas falam no cotidiano.
(P8) Muito parecida com as pessoas do meu meio.	(P8) Acredito que há segurança e espontaneidade.
(P9) Parecido com minha forma de falar.	(P9) Modos de fala bem normais.
(P10) Falam de maneira simples e clara.	(P10) Natural.

Fonte: SOUZA-SILVA, 2022.

Então, identifica-se que P1, do grupo LGBTQIA+, reconhece-se, social e linguisticamente, com falas e narrativas dos/as colaboradores/as, uma vez que diz conviver com pessoas LGBTQIA+ e já ter contato com o uso de gírias e de expressões típicas, assim como também vivenciou histórias parecidas em sua vida. E na direção dessa convivência e partilha, P5 e P8 reiteram essa ideia, indicando que o modo de falar é típico daqueles/as com os/as quais convivem e são de seu meio social, mas não indicam aproximação de uso, como aponta P9, ao dizer que se parece com

sua forma de falar, indicando maior sentimento de pertença a uma performance linguageira LGBTQIA+.

Ademais, P2 aponta o sotaque como característica em destaque, mas reconhecendo que há certas particularidades na forma de falar de cada pessoa ouvida, reconhecendo, também, que alguns têm marcas estilísticas mais aparentes, bem como o uso da entonação e o ritmo da fala; e P3 lança seu comentário acerca do sotaque, acrescentando que gosta do sotaque paraibano, mas deixa em destaque que há características que podem incomodar, uma vez que contrasta “mais puxada que outras” por meio do uso da expressão “apesar de”; além disso, um recurso linguístico interessante é o uso de “todes”, desviando-se da binaridade da desinência de gênero, também adjetivando os modos de falar como claros. Nessa direção de clareza também estão P4 e P10, não indicando maiores características dialetais, estéticas e/ou estilísticas. Por último, P6 diz não ter estranhamento, sendo maneiras de falar normais, uma vez que o convívio com pessoas da comunidade LGBTQIA+ também já é de sua realidade; e P7 destaca a expressividade dos modos de falar, indicando que os/as falantes se mostram “bem seguros de si”.

A partir dos dados, identifico que a participação e o convívio com sujeitos LGBTQIA+ é realidade na vivência de muitos dos/as participantes, mas a ideia de engajamento parece distante, ainda não indicando uma participação tão efetiva nas práticas da comunidade. Logo as atitudes, para a maioria, parecem estar mais no nível comportamental do que afetivo, no que tange ao uso da linguagem desse grupo específico, mas apresentando, no geral, atitudes amistosas. Para contrastar, podemos observar a avaliação direta feita pelo grupo não LGBTQIA+. Nesse grupo, P6, P7, P9 e P10 se alinham a uma avaliação unívoca: um modo de falar normal, natural, não atribuindo juízo a características dialetais, estéticas e/ou estilísticas. Entretanto, P6 aponta para a existência de um “jeito particular de se expressar” e P7 diz ser a forma que as pessoas cotidianamente falam, parecendo que esteve mais atento/a questões prosódicas do que estilísticas. Já P8 reconhece aspectos como expressividade e espontaneidade, como P4 do grupo LGBTQIA+, ao indicar que “quem escuta sente como se fossem amigos”.

Ao observar os comentários de P3 e P4, identifico que enaltecem mais a importância das narrativas de vida, atribuindo expressividade e gosto pelo modo de falar, respectivamente, mas, ao que indica, consideraram mais a relevância do conteúdo do que o modo de o produzir – ao menos é a atitude explícita; já P5, limita-se a apontar que o modo de falar é diversificado, mas não aponta especificidades. Por fim, P1 e P2 são os que se direcionam mais aos aspectos linguísticos e paralinguísticos. P1 diz haver uma variação interessante quanto ao tom, à velocidade e ao vocabulário utilizado pelos/as falantes. Além disso, não vê problemas em se aproximar do grupo em análise, ao dizer que o sotaque dos/as colaboradores se assemelha ao dele, não lhe causando grande estranhamento. Por seu turno, P2 afirma que todos/as são paraibanos/as e que apresentam marcas dialetais particulares.

Desse modo, a maioria dos/as participantes desse grupo, sem surpresa, distancia-se de uma avaliação específica de itens linguísticos e/ou paralinguísticos. Nessa direção, o grupo não LGBTQIA+ aponta para disposições tolerantes, mas alguns/algumas se distanciaram de uma avaliação mais elaborada, restringindo-se a avaliar como normal/natural, outros/as evidenciaram a relevância das histórias narradas.



Considerações finais

Nos dois grupos, há quem destaque o sotaque como característico, inclusive é possível pensar a diferença das atitudes linguísticas quando são avaliados/as LGBTQIA+ de diferentes regiões do Brasil. Outrossim, é válido destacar como a manipulação e a percepção da variável sexo/gênero não são simples de analisar, mas o fator origem se mostra sempre bastante representativo. Logo, quanto mais os condicionadores se internalizam na tessitura social mais complexa é sua manipulação e seu controle. Assim fica em evidência que, caso se queira “[...] saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, etc” (MOITA LOPES, 2006, p. 96), por isso defendo a importância de mover a sociolinguística do campo do inter para o transdisciplinar.

Em relação à percepção e à construção de um perfil LGBTQIA+, identifiquei dados que remetem a uma percepção positiva por parte dos dois grupos de participantes, favorecendo uma leitura sobre a reconfiguração da posição de pessoas LGBTQIA+ em nossa sociedade. Não se deve intuir que não há preconceitos subjacentes, mas pode ser que tais indicadores não estejam ou sejam tão explícitos, requerendo maior refinamento no que tange à captação das atitudes em suas diferentes etapas: comportamental, afetiva e cognitiva.

Dado o exposto, os dois grupos favorecem uma percepção de um perfil descolado, trabalhador, inteligente, elegante, confiável e progressista, com traços de empatia, de amabilidade, de sensibilidade, de simpatia e de feminilidade em diferentes níveis, bem como têm suas formas de falar caracterizadas, de modo mais amplo, como bonitas, expressivas e claras. Contudo, reitero que não é viável, com o que se demonstrou aqui, apontar para uma aceitação plena da pessoa LGBTQIA+, haja vista a necessidade de que os estudos de atitudes se desdobrem, revelando percepção de outras pessoas em outros contextos e condicionadas por outros fatores extralinguísticos e que oportunizem outras assertividades.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflito de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns dialetos Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.



LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. **Psicologia Social**. 3. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 07-42.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-108.

MORAIS E LIMA, Priscila Evangelista. **Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar**. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

OLIVEIRA, Maria. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Ana Beatriz. **Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo**. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, Mikaylson; GOMES, Almir Anacleto. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, p. 53-70, 2020.

SOUZA-SILVA, André Luiz. **Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+**: atitude, identidade e estigma. 191 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. *In*: **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 1740-1749.

